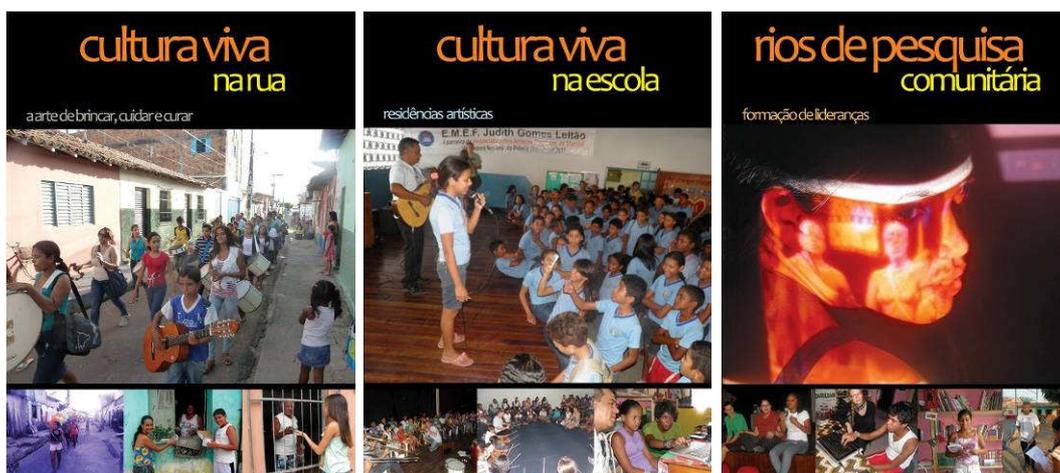


Prêmio Itaú-Unicef 2011

Pequeno Porte

EDUCAÇÃO INTEGRAL – EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM



RELATÓRIO SEGUNDO SEMESTRE

Agosto-Dezembro de 2012

Projeto

Rios de Encontro:

Quintais de Culturas Solidárias

Realização

**Instituto Transformance: Cultura e Educação
e a Comunidade de Cabelo Seco, Marabá**

Parceira Institucional

Escola Judith Gomes Leitão, Marabá

Instituição Organizadora

**Associação dos Artistas Visuais do Sul e Sudeste do Pará
(ARMA)**

Conteúdos

Objetivos do Projeto para 2012

Narrativa sobre as ações comunitárias e colaborativas realizadas no segundo semestre de 2012.

Anexo 1: Termo de Cooperação “Rios de Cooperação” celebrado entre a Associação dos Artistas Visuais do Sul e Sudeste do Pará (ARMA) e o Instituto Transformance: Cultura & Educação para manutenção e ampliação do Projeto Rios de Encontro na comunidade do Cabelo Seco, em Marabá, Pará em 2012, contemplado com o Prêmio Itaú-Unicef 2011.

Anexo 2: Proposta do Termo de Acordo criado em colaboração com as Bolsistas do Projeto Rios de Encontro para efetivar as bolsas de pesquisa-ação jovem no Projeto.

Anexo 3: Declaração dos Núcleos Gestores Adulto e Juvenil do Projeto Rios de Encontro celebrando a reforma do Casarão de Cultura com a colaboração da família do Mestre Antônio Nunes Botelho, com recursos do Prêmio Itaú-Unicef 2011.

Anexo 4: Termo de Acordo de Concessão do Terreno e Casario da Família Botelho celebrado entre os representantes da família Botelho e o Instituto Transformance em colaboração com os Núcleos Gestores Adulto e Juvenil do Projeto Rios de Encontro.

Anexo 5: Diário Oficial da União. N°206, 24/10/2012. Resultado do Prêmio Agente Jovem de Cultura: Diálogos e ações Interculturais na qual a jovem Camila Alves Vieira foi contemplado com a Proposta “Latinhas de Quintal”.

Anexo 6: Camiseta (enviada pelo correio)

Anexo 7: Cartões Postais e Cartaz do Festival Beleza Amazônica (enviado pelo correio)

Anexo 8: 4 Documentários de Nem um Pingo e 2 documentários de AfroMundi (enviado pelo correio).

Anexo 9: Relatório do Primeiro Semestre de 2012.

Anexo 10: Prestação de contas resumidas, Parcela 1 e Parcela 2 de 3 parcelas, conforme o Termo de Cooperação com a ARMA (ver Anexo 1).

Anexo 11: Materiais publicadas nos jornais (entrevistas na TV enviadas pelo correio).

Anexo 12: Rede de Colaboradores (enviado pelo correio).



Introdução aos objetivos do projeto para 2012

Os seguintes objetivos foram elaborados e confirmados em roda pelo núcleo gestor juvenil em dezembro de 2011 durante uma 'festa de formação e celebração' (que inseriu a tomada de decisões num processo que simultaneamente cultiva saúde alimentar, co-responsabilidade na produção culinária e ampliação do 'bairro de sabores').

Os objetivos foram discutidos pelo núcleo gestor adulto em dezembro de 2011 e reafirmados em uma roda completa do núcleo gestor adulto em fevereiro de 2012.

Nesse relatório sobre o segundo semestre de 2012 relembramos o leitor a e a leitora destes objetivos para ajudar dimensionar a caminhada realizada durante o ano como base de nossa programação para 2013. Esta plataforma é simbolizada pela reforma ampla do 'barracão' em um novo Casarão de Cultura, uma decisão dos jovens cuja dedicação está co-financiando Rios de Encontro.

Objetivos de 2012

1. Realizar a formação artística dos integrantes do grupo 'As Latinhas de Quintal' através de aulas/cursos de canto, percussão e dança (no segundo semestre, depois do período do carnaval e festa junina), e da compra de instrumentos essenciais para seus músicos;
2. Ampliar a formação artístico-cultural da comunidade de Cabelo Seco, integrando novos jovens no grupo As Latinhas de Quintal (quando necessário), e gerando novos grupos e experimentos culturais através de *residências artístico-culturais*;
3. Realizar cursos abertos e gratuitos de formação em Inglês, Teatro, música e Áudio-Visual para a comunidade de Cabelo Seco e comunidades vizinhas, em Cabelo Seco;
4. Realizar a gestão e produção de ações culturais comunitárias mensais (incluindo um CD com as músicas do grupo 'As Latinhas de Quintal' e um CD com as músicas do mestre Zequinha), coordenadas pelas bolsistas do projeto e realizadas pelo grupo 'As Latinhas de Quintal', para a comunidade de Cabelo Seco;
5. Realizar uma primeira reforma do *barracão* para desenvolver e capacitar o *Casarão de Cultura*, o tornando seguro e capaz de realizar apresentações culturais, oficinas e residências de formação e projeção de filmes, pesquisando uma placa solar e sistema de reciclagem de chuva (e se for possível, os integrando através de parcerias locais), em busca de uma base futura de sustentabilidade;
6. Priorizar o cuidado e a sensibilização nas áreas de sexualidade e gênero em todas as ações de formação, gestão e produção do projeto.

Ações comunitárias e colaborativas realizadas no segundo semestre do 2012



Agosto: novos desafios lançam a terceira fase

1. Partilhamos o passeio cultural-educativo com o núcleo gestor das mães. As fotos geram tanto prazer nas Latinhas de Quintal e seus pais que decidimos discutir os desafios com os jovens que enfrentamos durante o passeio (a falta de escuta, cooperação e respeito mútuo no comportamento coletivo), numa primeira roda com os jovens. Afirmamos a programação do 2º semestre: troca intercultural entre estagiários da Assembléia Legislativa em Florianópolis e nossas duas bolsistas; residências com artistas de Belém, Rio, Nigéria; continuidade dos cursos de inglês e um novo curso de violão para jovens; um festival de pipa (para celebrar e fortalecer a cultura popular, em particular entre pai e filho), e uma festa de final do ano.
2. Numa roda com o núcleo gestor jovem, percebemos tensões entre as bolsistas e a próxima faixa etária de lideranças emergentes, mais autoconfiantes, porém resistentes em abrir o Projetão a novos jovens para participar nos novos projetos. Decidimos dialogar com cada mãe depois de um mês de reflexão pedagógica para marcar uma nova fase de princípios avançados e co-responsabilidade, para lidar com os novos desafios.
3. As bolsistas dialogam por Skype com os estagiários de Florianópolis para criar a base de uma colaboração artística norte-sul e elaborar um projeto de formação.
4. Convidamos uma integrante do núcleo adulto para participar no encontro nacional da UNICEF em São Paulo para ampliar o círculo de formação no projeto. A Juscilene, mãe da bolsista Carolayne, é escolhida. Será a primeira vez que viajará de avião. Ela prepara com a Manoela, e participa com cuidado e inteligência, aprendendo muito sobre o significado do projeto o comparando com outros no encontro.
5. Os cursos de inglês dialógico (adulto e juvenil) reiniciam com turmas estáveis, integrando teatro como ferramenta pedagógica. Os jovens se deliciam com ela, e todos têm consciência que estão inventando uma metodologia desconhecida na região e talvez no país.



6. Produzimos um cartão postal para o 'Dia dos Pais' para para cada família no bairro, valorizando suas relações masculinas na cultura da pipa', dentro da prioridade de cuidar da questão de gênero.

Apesar da pressão para ensaiar, deixamos nossa banda quieta até completamos o diálogo com cada família e reafirmamos ação coletiva.



7. Decidimos produzir um cine comunitário semanal e convidamos nossas bolsistas assumir responsabilidade para sua produção, incluindo a seleção e classificação dos filmes. Descobrimos por acaso que andam com clips nos seus celulares, achamos um papel formador para esta tecnologia. Incluem matéria forte sobre a violência contra mulheres, relacionada com efeitos de drogas. Juntos, desenvolvemos o cine como sua ação comunitária, para substituir a coordenação da banda, assim abrindo espaço para as lideranças emergentes curtirem responsabilidade sem a sombra das duas mais velhas. Ajudamo-las preparam para a apresentação de seu relato mensal para o núcleo adulto.



8. Na próxima reunião mensal do núcleo adulto, depois do relato reflexivo e divertido sobre o encontro da UNICEF, as duas bolsistas destacam seus projetos individuais. Fica evidente a maturidade delas e a necessidade de repensar o processo de formação cultural da banda para lidar com estes passos inevitáveis, mas não antecipados quando iniciamos em 2009.



9. A reunião ouve uma apresentação do projeto de uma terceira bolsista, a Gilmaria, convidada para coordenar o cultivo de 400 bibliotecas familiares. Ela tem uma compreensão lúcida do projeto que está aprovado. A mãe adotiva dela entra no núcleo gestor.



10. No projeto de ação-pesquisa das bolsistas, Camila começa com a busca e experimento na prática com dança de Pina Bausch. Um desafio criar um grupo juvenil comunitário!



11. Depois de uma avaliação do mês de experiência, as bolsistas finalizam o desenho do contrato. Em seguida, elaboram o projeto de uma série de três debates sobre 'A Marabá que queremos' para ser realizada na escola de Plínio Pinheiro onde todos os bolsistas estudam.

Na próxima semana, elas apresentam o projeto ao Jairo, coordenador pedagógico da escola. Discutem sobre uma metodologia participativa que integra a dança e o teatro. Combinam uma



reunião com a direção que, no final, aprova o projeto. Culminará com uma carta para o prefeito eleito.



12. As mães das primeiras duas bolsistas são chamadas para assinar os contratos, ao sentirem co-responsabilidade em colaborar na realização e adaptação dos projetos de ação-pesquisa comunitária.



13. Uma quarta bolsista está convidada pelo projeto para cuidar da relação entre saúde e esporte. Eliza é uma das percussionistas mais talentosas das Latinhas de Quintal, e a mãe adolescente que engravidou em 2011. Esta reintegração demonstra para a comunidade que há formação pós-gravidez precoce. Eliza chama seu ex-treinador da escola Judith para co-elaborar o projeto.



14. Integrantes do departamento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) solicitam uma reunião na casinha de cultura para estudar a pedagogia do projeto. É a primeira vez que a EJA tem entrado no Cabelo Seco! Gostam da sua beleza e calma. Uma oficina de formação está agendada para 80 professores das escolas públicas de toda Marabá.

Setembro: ampliando o projeto através de colaborações e liderança juvenil



1. O curso adulto de inglês conta com a presença de 10 universitários da Federal. Cada oficina se divide em uma grande roda de canto coletivo e atividades dramáticas de diálogos entre



um estudante e um morador, uma troca de saberes que também vira uma 'aula particular'. Cabelo Seco está sediando um curso pioneiro, reconhecido pela universidade federal. O efeito, nos participantes e na comunidade inteira é um aumento da auto-estima e da resignificação da periferia. Começamos falar sobre a 'Universidade Popular de Cabelo Seco', não de 'cursos de extensão'!



O curso juvenil reduz a um número constante de doze que possibilita um palco mais íntimo e concentrado. Brincam com a língua, transformando as oficinas em um teatro de direitos humanos e palco para dramatizar necessidades socioemocionais, já que não há espaço na



escola nem na família. Co-escrevem diálogos e uma ajuda a outra num espaço que valoriza cada jovem e sua colaboração solidária, sem competição ou notas punitivas. Acostumam-se com dedicação.



2. Iniciamos nossa terceira residência artística com Ziza Padilha de Belém que abre com uma noite que celebra música amazônica. Apesar de uma boa apresentação, as Latinhas de Quintal têm dificuldades em dividir o palco com outros músicos de Marabá. Abandonam seus



instrumentos no palco na corrida para jantar na rua. O Ziza nos ajuda entender as fases da formação coletiva e transcultural dos jovens da banda.





3. Durante a residência, gravamos mais duas músicas para o CD com a percussionista e cantora Carol, que não participou na gravação em Belém, 'Passaporte da Morte' e 'Alerta Amazônia'. A maturidade da Carol como uma nova liderança emergente, com só 11 anos, impressiona.



4. O Ziza oferece uma oficina de formação de 8 horas para Evany e o terceiro bolsista, Luário, em produção áudio-visual digital. Os dois se comprometem em compartilhar as técnicas para outros jovens no bairro, uma vez que o projeto compra mais tecnologia.



5. Depois das reuniões com cada integrante e sua mãe, chamamos as Latinhas de Quintal para discutir a segunda geração da banda, aberta aos jovens e crianças que querem participar. Discutimos o que já foi realizado e quais gêneros de música querem desenvolver. Eles se comprometem a colaborar na coordenação do projeto musical, liberando as bolsistas coordenar seus projetos.



6. As Latinhas são chamadas para colaborar num dia de sensibilização sobre drogas na escola parceira, Judith Gomes Leitão. Carol e seu avô, Zequinha, representam o projeto, cantando 'Passaporte da Morte' e realizando duas conversas públicas e marcantes diante 500 alunos/as sobre como convivem com dois usuários em casa. A liderança da Carol está evidente para todos/as. Logo em seguida, é chamada para dialogar com a Diretora da escola, Luciane, que se abre sobre a sua convivência com seu pai, viciado com álcool e afirma a coragem da Carol. A conversa é formadora e marcante.



7. Reunimos os cinco bolsistas para agora visualizar cinco novo projetos juvenis, coordenados por eles, e combinamos que vão colaborar para produzir o Cine Coruja, toda semana, dedicando 5 horas nos sábados. Assumem a responsabilidade, porém percebemos desigualdades de motivação e antecipamos desafios. A Camila, no final, acabará coordenando este núcleo e o cine comunitário.





8. A produção coletiva de sucos amazônicos para o Cine Coruja acaba de uma vez por todas com refrigerante no projeto! Por enquanto, na fase de experimentar com novos limites, largamos jantas com as Latinhas e insistimos na equipe fixa de produção com 5 bolsistas. Produzimos sete grande banners, um para presenciar cada dimensão do projetão 'Rios de Encontro', para embelezar o Casarão e lançar o Cine (ver a capa deste relatório). Serão úteis para encontros e atividades futuras.



9. Botelinho demonstra para Luário como montar a iluminação, assim passando esta responsabilidade pela primeira vez em 3 anos!



10. Cine Coruja lota. Três bolsistas oferecem suco e pipoca entre os curtas e o longa.



11. No final, duas Latinhas propõem coordenar uma sessão karaokê e demonstram a nova abertura para integrar mais jovens. Todas conhecem as músicas das Latinhas! Uma nova cultura popular?



12. A Juscilene é a única mãe disponível para participar no encontro regional de formação da UNICEF em Belém. Ela vai com a Manoela, Zequinha e Iolete (Vice Diretora da escola Judith Gomes Leitão), e todos representam o projeto, selecionado como exemplo significativo.

A participação da Juscilene é chave tanto pelo aumento de sua autoridade comunitária no meio das lideranças e sua atuação no encontro, quanto pelo impacto dela no bairro a sua volta, e sua compreensão do significado do projeto. Ajuda diminuir a resistência de adultos que não conseguem dirigir ou dominar o processo democrático do projeto.





13. No curso adulto de Inglês, o aumento de autoconfiança continua com as mães dos integrantes do projeto se conhecendo através da distância da língua estrangeira. Um processo parecido, porém bem diferente, está acontecendo no desenvolvimento das universitárias que visitam duas vezes por semana, se conhecendo através da troca de saberes e auto-valorização com moradores.



14. O curso adulto encerra com um processo teatral lúdico de conversas em dupla, voz alta, sem texto na mão, revelando o progresso (e desafios) de cada um/a dos 30 participantes.



15. Na avaliação em dupla, os participantes discutem o seu desenvolvimento lingüístico e sociocultural e como ajudou a pedagogia artística que todos colaboraram a criar. Avaliam também como a pedagogia pode ser aplicada na escola, nos espaços de trabalho e no bairro, e unanimemente propõem uma segunda etapa.



No curso juvenil, a atuação universitária ajuda numa avaliação em plenária, e chega às mesmas reflexões. Encerramos com um jantar com certificados na orla.



16. Paralelamente, as Latinhas se organizam para participar na residência artística com um jovem percussionista carioca e liderança comunitária. Esperamos que o Douglas ajudará demonstrar aos jovens uma segurança de comportamento que faltou quando participaram no início do curso de inglês e acabou catalisando a saída de cinco deles. Agora, começam entender suas resistências.



17. Os projetos pessoais das bolsistas avançam, mas ambas sofrem quedas de motivação. Com calma, conversamos para entender juntos.

Outubro: estudando e transformando desafios



1. Zequinha inicia uma nova oficina semanal das Latinhas de Quintal. Vai dar certo? É possível lançar um novo processo?



2. O projeto AfroMundi: Pés no Chão da Camila continua a crescer com sua motivação liderança. Suas integrantes se preparam para a apresentação com Douglas Cardoso, do Projeto Nação Periférica do Rio Grande do Sul e as Latinhas de Quintal no Cine Marrocos. Lançará a quarta residência, idealizada na visita a Porto Alegre in 2011.



3. A noite cultural é forte mas as Latinhas continuam com grande dificuldade de dividir o palco. Anotamos e refletimos com Zequinha e agora, com Douglas.



4. Desenhamos coletivamente a residência artística do Douglas. As duas principais bolsistas estão sofrendo uma crise de motivação. Além do calor e do cansaço (chegam depois de 5 horas de escola pela manhã), percebemos que a bolsa de R\$350 por mês em troca para 12 horas semanais está transformando sua motivação em uma passividade autoritária, associada com 'trabalho' alienado. Já antecipado no processo de elaborar o contrato, decidimos em ampliar o descanso delas entre a escola e o projeto a tarde (cuidando de ambas), e integrar a produção do Cine na carga horária. Douglas oferece percussão ao vivo para AfroMundi e uma história de ação comunitária voluntária exemplar!



5. No Dia de Criança, cada criança em todas as famílias ganha uma pipa, antecipa nosso Festival de Pipa que adiamos ao Natal. A Gilmara mostra sua capacidade!



6. O karaokê vira um espaço lúdico semanal, gerando idéias para um coro comunitário, uma proposta já contemplada pelas turmas de inglês para 2013.



7. O Douglas realiza duas oficinas de 90 minutos cada para os 80 líderes na escola Judith Gomes Leitão, com a participação da coordenadora pedagógica, Roseane e dois gestores da Secretaria de Meio Ambiente que autorizam as oficinas na comunidade após denúncias de vizinhos resistentes a pedagogia social do projeto. A mistura de concentração e brincadeira coletiva cria uma base e clima pedagógico receptiva para reflexões de uma vida pesada e excluída sobre drogas.



8. No bairro Cabelo Seco, juntamos alguns 30 jovens, a maioria meninos em alto risco, para criar tambores em antecipação de uma oficina aberta de uma semana no 'barracão de cultura'. Reciclam galões e latões de óleo e logo geram uma oficina para 20 crianças e uma para 30 jovens, ambas beneficiando da disciplina firme da experiência em Afro-Reggae e das escolas de samba.



9. A Gilmara apresenta o Douglas à toda sua antiga escola, a Judith Gomes Leitão, afirmando a importância da leitura e anunciando seu projeto 'Folhas da Vida'.



10. A apresentação do Douglas gera a concentração de espetáculo, tanto pela sua técnica, quanto pela sua autoconfiança e charme. Convido-o desenvolver seu show pedagogicamente para garantir uma dimensão participativa que vai libertar muitos jovens de sua timidez.



11. O Douglas divide o público imenso em dois blocos de ritmo (com palmas) e depois, com uma coreografia básica que os jovens adoram. Duas oficinas, com 400 cada, impressionam a direção da escola e fortalecem nosso argumento a favor da arteducação e a formação dos professores nas artes como linguagens pedagógicas. Os jovens de Cabelo Seco ficam tão orgulhosos que seu projeto está lançando essa ação!



12. Seguindo o mesmo roteiro evoluído com Pete Moser na primeira residência, o Douglas continua suas oficinas de formação no Cine Marrocos, alcançando mais 50 músicos de todas as escolas da Marabá. Ele quebra a rigidez que vem com a formação musical das bandas marciais, criando um dinamismo tão vivo que ninguém quer ir embora! Novamente, as oficinas continuam a resignificar o Cabelo Seco como uma fonte de produção cultural e, sobretudo, espaço de orgulho em ser afro-descendente. A mídia colabora muito na construção deste retrato.



13. À noite, seguem as duas oficinas de percussão afro, cultivando ação, disciplina e prazer coletivo.



14. Os jovens, em particular as meninas, se soltam muito, curtindo e percebendo sua capacidade percussiva em pouco tempo. Sem intenção, a musicalidade amazônica está sendo afirmada. O bairro inteiro percebe o significado dessa semana de participação disciplinada.



15. Com a abertura do Douglas e nossa percepção que o sucesso das oficinas poderiam o cegar aos nossos objetivos, solicitamos a ele cultivar liderança nas percussionistas nas Latinhas, antecipando a saída dele e apreciando o potencial deste processo. Logo, Douglas chama a Evany como aprendiz, destacando sempre a todos/as a importância de comportamento social.



16. As oficinas na escola Plínio Pinheiro seguem o mesmo formato e oferecem uma afirmação dos participantes, dos bolsistas e da cultura afro-descendente.



17. A noite, nas oficinas comunitárias, se percebe que a cultura de colaboração e liderança está aumentando. Os participantes preparam para uma apresentação comunitária pública. Embelezam o barracão, as mães preparam comida e todos se surpreendem quando mais de 240 moradores lotam a noite de despedida.



18. As Latinhas tocam com autoconfiança, sentindo parte de um projeto maior que seu prêmio está possibilitando.



19. O Douglas se despede com um discurso curto sobre a cultura de drogas e seu aprendizado com Cabelo Seco e o projeto Rios de Encontro. Sua apresentação final encerra a noite de cultura viva comunitária, mas gera ciúmes explícitos de vizinhos com poder no bairro.



20. Havíamos procurado permissão da Secretaria do Meio Ambiente para realizar oficinas de percussão, em respeito aos moradores que morram nos lados do barracão. Não ajuda, até por que a 6ª Vara da Infância e do Adolescente visitam e adoram o projeto.



21. Zequinha, Douglas e eu curtimos a nova música ‘Eu quero ser livre’ que surgiu durante as oficinas da residência e avaliamos o processo. Combinamos que continuará um núcleo de coordenação sob a liderança da Evany para manter a oficina de percussão com a possibilidade de montar um bloco de samba no bairro.



22. Depois da saída do Douglas, os dois núcleos gestores discutem resistências causadas por uma cena de sexo implícito no filme ‘Assalto no Banco Central’ do Cine e pelo barulho da oficina de percussão. O debate transparece a oposição personalista das duas famílias poderosas no bairro e necessidade de continuar com a

percussão para os jovens, e cultivando um cinema independente, mas ainda mais cuidadoso.



Afastamos as oficinas de percussão um pouco, mas elas continuam – coordenadas pela Evany e Carol, e apoiadas e mediadas pelo Zequinha.



No final, relatos sobre violência compulsiva em casa contra jovens, geram reflexões novas sobre a necessidade de

lançar um cinema de formação para adultos em 2013.



23. A Gilmara se organiza para lançar 10 bibliotecas familiares por semana, solicitando colaboração solidária na TV com um forte impacto na sua escola e comunidade.



24. Zequinha lança duas aulas de violão semanais numa tentativa de responder ao interesse estimulado pelo projeto e garantir a continuidade de sua contribuição a cultura popular musical reflexiva.



25. Depois de um processo de pesquisa e definição de sua metodologia, a bolsista Carolayne lança a série de três debates na sua escola Plínio Pinheiro. Modifica o objetivo de seu projeto, de 'provocar os candidatos à prefeito debater soluções para a cidade mais perigosa para jovens no país', a 'produzir uma carta-vídeo de propostas dos jovens ao novo Prefeito de Marabá'.



Os debates contam sobre a participação de AfroMundi para criar um ambiente de experimento e ousadia, e usam um microfone 'falso' para despertar os 120 jovens que contribuem. A

Camilla é contemplada com o prêmio nacional 'Agente Jovem de Cultura' do Ministério da Cultura!



As danças e as rodas íntimas garantem a participação de todos os alunos que manifestam preocupação séria sobre transporte, emprego digno, segurança pública, educação, saúde pública e, sobretudo, a necessidade de espaços e recursos culturais para jovens e seus bairros.



26. A qualidade da carta-vídeo que a Carolayne produz em colaboração com artista gráfico José Viana, colaborador no projeto, a motiva abraçar nossa proposta de desenvolver sua capacidade jornalística, entrevistando idosos de Cabelo Seco que carregam uma rica história coletiva afro-descendente e ribeirinha em risco.



27. Depois da preparação de sua metodologia, Carolayne entrevista a Zefinha. O resultado a inspira decupar as fitas para produzir o segundo documentário do projeto 'Nem um Pingo' e identificar mais 10 possíveis sujeitos. Este vídeo mostra a riqueza possível de projeto local de 'história viva', realizado pelos jovens do bairro.



28. Na sua roda final do mês, o núcleo gestor adulto revela sua incerteza sobre o futuro do barracão que Antonio Botelho, co-fundador do projeto e um dos donos, vem prometendo desde 2010 que seria doado a Cabelo Seco. Após a garantia dele que sua família assinaria uma carta doando o terreno ao bairro para transformar numa Casa de Cultura, decidimos usar R\$30.000 do prêmio para reformar o barracão, e lançar o 'Casarão' no nosso Festival de Beleza Amazônico em dezembro.



Novembro: o poder das raízes afro-descendentes

1. A construção do Casarão da Cultura avança apesar da época da chuva. Desenhamos um espaço aberto com a intenção de instalar placa de energia solar em 2013. Começamos a visualizar os espaços de ensaio de dança e teatro, de apresentação artística bem estruturada, alojamento solidário, restaurante popular e nosso Cine!



2. As aulas de violão continuam com o *griot* Zequinha aos poucos desenvolvendo sua pedagogia apropriada por uma turma mista de jovens iniciantes e experientes.



3. O Tio Denden é o sujeito da segunda entrevista do projeto Nem um Pingo. A Carolayne mostra mais autoconfiança e um cuidado cultural maduro. Combinamos que os documentários serão apresentados na rua, transformando a parede da casa do entrevistado em um telão. Carolayne está encantada com a proposta.



4. Paralelamente, trabalhamos no encarte do CD que sairá no início de 2013. Convidamos a Elizângela do núcleo gestor adulto a realizar uma sessão de fotos no Rio Tocantins. Lavadeira, mãe solteira de 06 filhos e lúcida colaboradora do projeto, ela escolhe esse retrato para o encarte, e aprova toda narrativa fotográfica.



5. Com artistas colaboradores Zé Viana e Dauana Parente cuidando da produção de Nem um Pingo, Zequinha, Manoela e Camila viajam para realizar uma série de cursos de formação, ações culturais em colaboração com o Centro Dom Elder, em Joinville, Santa Catarina. Voltando de uma contribuição para a Aliança Mundial pelas Artes Educação na Finlândia, chego para iniciar um curso de formação, abrindo com carimbó pela Camila. Numa oficina acompanhada por Zequinha, ela encanta, tanto por sua beleza amazônica, quanto por sua inteligência sociocultural e reflexos pedagógicos. Zequinha realiza encontros com *griots* e músicos eruditos para aproximar o Sul e a Amazônia nessa viagem de formação intercultural.





6. Camila e Zequinha participam nos cursos para jovens como artistas, ajudando a construir uma colaboração norte-sul.



7. Realizam uma grande apresentação no palco principal da Festa das Flores. A Camila visita a escola Ballet Bolshoi um sonho seu que cuidaremos em 2013. Emociona-se!



8. No final de uma semana de oficinas e experiência intercultural, viajamos para Florianópolis para ampliar a vivência do Sul. A Camila conhece o mar pela primeira vez e sua beleza atlântica. A visita oferece um espaço de reflexão sobre a viagem e os desafios que precisaria encarar para realizar seu sonho de estudar no Bolshoi.



9. Visitamos restaurantes conhecidos por seu cardápio de frutos do mar e cultura açoriana e conhecemos a Figueira icônica e sua história, na capital.



10. Camila recebe um convite para apresentar as frutas de sua pesquisa num centro internacional de dança em Florianópolis. Tanta na dança popular quanto na dança afro-contemporânea, mostra sua capacidade como oficinaira. Também, sensibiliza as profissionais e as dançarinas sobre a riqueza amazônica no Pará.



11. A viagem encerra com uma visita para o projeto de 25 anos na comunidade afro-descendente de Monte Serrat, num dos morros na capital. Aprendemos muito sobre propostas de lidar com viciados, artesanato, preparação de jovens excluídos para emprego, e os desafios no cultivo de lideranças auto-sustentáveis.



12. Voltamos para logo entrar na nossa quinta e última residência artística com o nigeriano Segun Adefila, dançarino comunitário comprometido com o resgate e afirmação das culturas africanas. Junto com nossos artistas colaboradores de Belém e com a Carolayne, idealizamos o roteiro de colaboração que se dividiu em três momentos: escutas, oficinas de troca e formação, e produção colaborativa.



13. As bolsistas são impressionadas com os cabelos secos 'rasta' e a cor belíssima da negritude do Segun. Ambas as provocam perguntar-se porque a Camila pintou o seu cabelo e o que significa 'beleza amazônica'. Convidado para colaborar na idealização de nosso festival do mesmo nome, suas perguntas ressoam.



14. Havíamos solicitado a Segun chegar com tecidos, música e artesanato da Nigéria para embelezar as dançarinas de AfroMundi e a jornalista de Nem um Pingo, e contribuir ao desfile na rua de Cabelo Seco. A Camila e Carolayne se encantam com os tecidos, confirmando nossa esperança que a beleza e estética sensibiliza muito mais de que a 'intervenção' ou 'conscientização' ideológica.



15. Enquanto que Segun está sentindo em casa no Cabelo Seco, como um retorno a uma Nigéria desaparecida há 40 anos. Para Zequinha, a chegada de Segun comprova a existência real da África e sua sabedoria cultural, cuja memória em Marabá está em risco de ser apagada pelo consumismo. Juntos, passam uma tarde trocando música e histórias sobre antepassados e futuros em comum.



16. Segun está apresentado ao núcleo gestor adulto cuja hospitalidade e carinho o impressionam. Ele canta uma música tradicional que toca no íntimo bem vivo, mas quase desconhecido ou tampado nas mãos e avós na roda que o bombardeiam com perguntas!



17. A televisão SBT colabora com a divulgação da presença do Segun. A residência representa a primeira colaboração entre a Fundação Heinrich Boll de Berlim, Alemanha e o projeto Rios de Encontro (na busca e afirmação do mês de 'consciência negra' nas escolas, universidades e bairros), significativamente liderada pelo Cabelo Seco. A periferia está sendo um centro cultural!



18. Uma roda de conversa pública na universidade federal com arteeducadores segue um ritual e dança de chegada que evidentemente tocam todos os presentes. A resistência do Segun ao desenvolvimento acelerado e descuidado ressoa com os artistas e pedagogos ‘alunos’ de especialização, os oferecendo acesso a conceitos africanos ausentes na sua formação formal mas presentes na suas culturas populares.



19. Segun encontra com colaboradoras do projeto, arte educadoras do projeto Vozes do Campo, incluindo a Claudenir Ribeiro, irmã do extrativista assassinado, Zé Claudio. As histórias de vida marcam o nigeriano.



20. A primeira atuação artística do Segun é com 15 jovens dançarinos do projeto AfroMundi (com colaboradores da Cia ‘Ato em Dança’). Depois de troca de danças, ele enraíza sua dança popular e afro-contemporânea nos princípios estéticos e vocabulários da dança africana, impressionando todos com sua energia aeróbica, sensualidade, beleza e qualidade inventiva.



Mais uma vez, os jovens de Cabelo Seco se sentem orgulhosos de ser anfitriões por uma iniciativa inédita, que afirma raízes adormecidas. Segun viaja por dois dias para conhecer Belém, a capital.



Dezembro: as realidades da ‘beleza amazônica’

1. Na madrugada do dia 3, Everton, filho de Zequinha e um dos jovens contemplados para coordenar nosso projeto de ‘história viva’ é assassinado. Todos nós somos abalados. Mesmo contra a cultura popular de Cabelo Seco, declaramos uma semana de luto nas atividades do bairro e reduzimos nosso festival de 7 até 4 dias. Segun percebe a vulnerabilidade dos jovens negros no norte.



2. O principal jornalista na área de cultura, Ulisses Pompeo realiza uma entrevista ampla sobre as colaborações e reflexões do Segun, no contexto da perspectiva da Camila sobre o desenvolvimento dela no crescimento do projeto. Ulisses propoe uma pose congelada para



simbolizar a colaboração, mas o Segun e a Camila inventam uma dança que consegue capturar a beleza criativa da residência. Vira uma foto icônica na cidade. A colaboração se manifesta numa nova coreografia que celebra a cultura popular cotidiana de Cabelo Seco.



3. Uma conversa com arteducadores Antonio Botelinho e Zé Viana ajuda o Segun entender uns aspectos da 'estética amazônica', e ajuda os paraenses perceberem suas raízes africanas. Todos entendem o significado da conversa em termos de cultivar um imaginário próprio que possibilitaria a Amazônia resistir à estética imposta do consumismo.



4. Diante um público de 400 pais e alunos de nossa escola parceira, a Virgulino Mendonça, o Segun apresenta uma dança ritual para abrir o festival 'Valorizando as Culturas Africanas'. Sua presença continua a emocionar a comunidade escolar inteira, transparecendo a rigidez de sua cultura pedagógica pós-colonial e inspirando reflexões claras sobre a cultura cotidiana Marabaense.



5. Numa roda intercultural com o Departamento de Inglês na Universidade Federal do Pará, colaborador com o curso de Inglês no bairro, o Segun pergunta por que optaram em estudar Inglês em vez de uma língua indígena: provoca um debate sensível e profundo!



6. Paralelamente, a colaboradora cultural, a Dauana, junta as bolsistas para finalizar a produção de suas contribuições ao Festival de Beleza Amazônica. Apesar de sua energia, percebemos ainda um cansaço físico profundo. Teríamos que avaliar isso depois do festival, reconhecendo suas raízes no autoritarismo cotidiano institucional que essa residência está transparecendo.



7. Ao mesmo tempo, a Camila demonstra uma capacidade quase infinita para abraçar trabalho braçal que não necessita responsabilidade para idealizar ou inovar. De repente, entendemos que a disciplina do ballet a oferece um refúgio autoritário para esconder efeitos de séculos de escravidão e violência domesticada!



8. As 400 famílias no bairro recebem o cartaz do festival e uma série de 4 cartões postais com a programação dele no verso de imagens da cultura cotidiana do bairro. Entregue por jovens das Latinhas, estes presentes culturais e o grande outdoor na praça com a imagem do festival fazem parte do processo sensibilizador que alcançará o imaginário de Marabá.



9. Iniciamos o festival com África na Esquina, uma quase invisível interação simples na praça. Segun começa uma conversa com crianças através da dança que decidem gravar no celular para mostrar a crianças e jovens em Lagos.



10. Sem platéia física presente, os jovens experimentam e depois tornam-se seu próprio público, se enxergando no olhar imaginado do bairro de Barriga, em Lagos. Estamos aprendendo possibilidades de usar o celular como ferramenta de auto-reflexão, admiração e uma possível transformação.



11. A noite, na rua, fora da casinha de cultura, Zequinha e Segun continuam se alimentando, importante na cicatrização do Zequinha que está aproveitando em aprender como se cuidar, psicoemocionalmente, pós semana de luto. O Segun e a Manoela entram numa das aulas para apoiar o Zequinha voltar a ação comunitária.



Os jovens da aula de violão se preparam para sua primeira apresentação pública. Dentro deles, dois das Latinhas de Quintal, se acostumando com um papel participativo.



12. A preparação para o desfile integra 2 mães do núcleo gestor, tempo integral, e muitas famílias. Há um potencial enorme nessa área para cultivar uma beleza saudável e transformadora.



14. AfroMundi ensaia na rua, se preparando para sua primeira apresentação na rua. Estão transformando o seu poder julgador em uma força afirmativa, inconscientemente, criando uma nova estética de afirmação comunitária. Não sabem o quanto serão responsáveis pelo poder estético do festival inteiro!



15. A equipe técnica, formada do núcleo de coordenação da percussão, legado da residência anterior, se reúne para definir suas responsabilidades para quatro noites. Terão muita responsabilidade! São todos entre 12-16, e trabalharão 7 horas por noite cuidando dos quatro palcos do festival. Fica evidente que responsabilidade social é um palco afirmativo que estes jovens carecem.



16. As lideranças emergentes das Latinhas de Quintal, a Evany e o Matheus, se dedicam a divulgação do festival no bairro e na orla da Velha Marabá. Sua motivação não tem limites! Mais um palco, sem platéia visível, mas no qual há reconhecimento e sentimento de pertencimento a um projeto significativo que afirma valores que não existem em nenhum outro espaço.



17. Na próxima manhã, os diretores técnicos juvenis checam todos os fios e lâmpadas que serão usados nos palcos. Anotamos que sua experiência de responsabilidade coletiva na coordenação do núcleo de percussão tem cultivado responsabilidade autônoma e cuidado social.



18. Paralelamente, o festival perpassa pela escola Plínio Pinheiro, onde o Segun oferece uma oficina de seis horas durante duas manhãs para 48 jovens. Mais acostumado com nossa preparação pedagógica, a dança africana vira uma linguagem de libertação de séculos de auto-proteção e palco de criação coletiva de uma coreografia sobre o Rio Tocantins!



20. Uma equipe dos jovens que participaram no curso de inglês e violão embeleza a tenda que abrigará o palco principal na pracinha de Cabelo Seco. Ela vira o espaço apropriado para 'África na esquina' que ajuda criar um clima de expectativa.



21. Um grupão de 120 crianças, jovens e adultos compõem a platéia do 'Cine na Rua' para assistir o documentário 'Sou Zefinha', apresentado embaixo da árvore diante a casa de Zefinha, por Carolayne. Um diálogo público entre ela e Zefinha, provocado pelo artista colaborador, Zé, explica o processo. Em seguida, servem bolo de chocolate e suco de cajá, para celebrar a colaboração, todos cantando as músicas das Latinhas de Quintal!

22. A platéia leva suas cadeiras para o lado principal e bem iluminado da pracinha para ouvir a Manoela lançar o palco principal. Depois da memória do ano contada em fotos, ela dedica a 'festa de açaí' a beleza amazônica e chama Zequinha para cantar. Em seguida, ela chama os principais músicos de Marabá para celebrar a riqueza de Cabelo Seco, diante um público feliz. Felizmar já tem um compromisso com o projeto, do curso de inglês. O Xavier é membro constante nas rodas de artistas nas residências. Mas estão tocando pela primeira vez em Cabelo Seco, e são recebidos com carinho pela platéia.

23. A festa encerra com um copo de açaí com tapioca para cada participante. Espontaneamente, AfroMundi apresenta uma dança de carimbó, enquanto o açaí está sendo servido. O tamanho da platéia desafia a equipe de produção da comida que enfrenta um pânico coletivo e quase agressivo nos jovens e nos adultos, no momento de servir no espaço aberto na rua. Mas todos saem felizes e incluídos numa nova noção de beleza!

24. Na próxima manhã, o festival volta à escola Plínio para concluir a nova coreografia numa segunda oficina. Com Segun fora do palco improvisado, os alunos assumem responsabilidade pela dança coletiva, e decidem apresentá-la em janeiro, parte de um dia de cultura.

25. Chamamos os mais tímidos para participar num banco de cineastas e publicitários, transformando o celular em uma ferramenta pedagógica e criativa, e inspirando diálogos lúdicos sobre diversidade de memória e narração. A escola sai convencida sobre arteeducação!



26. A segunda noite do festival inicia com o documentário 'Sou Denden', na praçinha. Novamente, a Carolayne abre e encerra o evento, com um diálogo público rico, sobre o significado para um idoso resgatar sua história. Nossa confiança vem da residência artística com Cia Kiwi de São Paulo no primeiro semestre que mostrou um vídeo no bairro. Denden se emociona assistindo o documentário sobre sua vida.



27. Na conversa, Carolayne pergunta para Tio Denden o que pensa sobre a possibilidade de passar o filme para as escolas parceiras para servir como recurso pedagógico nas disciplinas de história e geografia. O Denden se emociona e afirma a proposta. O evento encerra com bolo de chocolate e suco de acerola. O projeto está mostrando seu potencial.



28. Logo em seguida, na escolinha bem no outro lado da praçinha, moradoras e os universitários do curso de inglês do bairro reúnem para realizar uma oficina intercultural de dança. Os estudantes voltam a Cabelo Seco, sem medo, com saudades, muitos integrando sua experiência de colaboração nos seus 'trabalhos de conclusão de curso' sobre sua experiência colaborativa.



29. Fora da escolinha, inspirados pelo festival, um grupo de moradores começam a tocar as músicas principais do Boi Bumbá de Cabelo Seco, adormecido durante anos! Mesmo embriagado, o grupo toca com qualidade. Na roda, todos declaram sua vontade de resgatar o boi em 2013. O festival está transparecendo Cabelo Seco!



30. A noite encerra com o Cine Coruja na praçinha. Mostra do documentário 'Doutores de Alegria' sobre médicos-palhaços solidários, e depois, em resposta a demanda popular, do filme 'As Aventuras do Tintin'.



31. A terceira noite do festival inicia com o documentário 'Sou Tonica', de Nem um Pingo produções. Novamente, a rua lota, agora fora da casa da Tonica, e a Carolayne abre o evento. Depois de muita risada e umas lágrimas, o público curte bolo de chocolate e suco de cupuaçu. A Carolayne destaca como o projeto está afirmando a beleza dos sucos amazônicos, e a Tia Tonica a agradece pela sua afirmação.



32. Logo em seguida, dando continuidade ao debate da tarde sobre políticas culturais na região de Carajás no sudeste do Pará, realizado na UFPA-Marabá, uma roda de artistas troca músicas, poemas, contos e reflexões, na Casinha de Cultura, incluindo o Segun, como cantor. A roda inclui arteducadores e gestoras culturais do GAM e da Rede Carajás de Cooperação Cultural.



28. Paralelamente, na pracinha, um Quilombo Vivo já está em plena ação com a Dauana, trançando os cabelos de crianças e jovens, mães e avós conversando sobre as propriedades médicas das plantas medicinais em exposição.



29. Num outro canto do Quilombo Vivo, a Gilmara está recebendo crianças e jovens na sua biblioteca comunitária, 'Folhas da Vida', incentivando leituras e motivando jovens e mães montaram uma biblioteca familiar em casa.



30. Na manhã do último dia do festival, em torno de 60 crianças e jovens (e duas mães), se concentram para realizar uma 'bicicletada pela paz', em memória de todos os jovens assassinados e derrubados pelas drogas. Esta performance impressiona tanta o bairro e o povo nas ruas do centro comercial da Velha Marabá, quanto os próprios participantes, casando saúde e protesto numa ação coletiva unida. Os jovens afirmam o desejo de realizar esta ação todo mês em 2013!





31. A última noite do festival, a festa de jambú com tucupi, a Manoela chama o Zequinha para retomar a música do festival, 'Eu quero ser livre' em nome de seu filho, o Everton, lembrando da grande bicicletada da paz da manhã anterior. O Zequinha também toca 'Clamor Popular', dedicada a memória da Maria Silva e Zé Claudio Ribeiro cuja Irma, Claudenir, está presente, na platéia imensa.

32. As músicas criam o palco para uma apresentação dos 30 integrantes do Boi do bairro Liberdade, 'Flor do Campo'. A coreografia é excelente, logo chamando a atenção de moradores que assistem das portas e janelas de suas casas, emocionados e inspirados!

33. O boi brinca e sobe na escadaria da platéia, animando e até assustando os jovens e crianças que o adoram! Assim, quebrou a divisão entre palco formal e platéia, afirmando a rua e palco como um teatro popular onde o novo e imprevisível poderiam acontecer! Para um bairro inibido por séculos de julgamento autoritário, esta transformação de seus espaços foi profundamente libertadora!

34. Em seguida, em nome de Nem um Pingo, a Carolayne mostra a carta-vídeo 'A Marabá que queremos', fruto dos debates no Plínio. O público assiste em silêncio, apreciando a inteligência juvenil se posicionando sobre todas as questões sociais numa cidade em crise.

35. Ainda embelezada em tecido nigeriano, Carolayne se reintegra na banda 'As Latinhas de Quintal' que toca 03 músicas sobre a beleza e diversidade da Amazônia. Ambos, documentário e letras, alcançam um público de mais de 500 pessoas, curtindo a qualidade estética da noite.

36. Logo em seguida, também embelezadas em figurinos com tecido africanos, AfroMundi apresenta a coreografia afro-contemporânea, re-transformando a rua inteira em um palco. A qualidade da dança aprofunda ainda mais a vivência da beleza, afirmando um bairro 'periférico' como fonte de valores humanos.



37. Assim, inicia o desfile, desenhado e coordenado em colaboração com Dauana. Primeiro, entram as crianças recentemente formadas na escolinha, vestidas inteiramente de branco. Só a aparência delas aumenta dramaticamente o tamanho da platéia.



38. Seguem desfile após desfile, de jovens vestidos em roupas que afirmam as identidades históricas e atuais do Cabelo Seco, intercaladas com dança popular de AfroMundi. Jovens com necessidades especiais, mães e adolescentes tímidos, todos aparecem num palco realmente inclusivo. Auto-estima coletiva no alto!



39. AfroMundi encerra o desfile com uma dança que conta a vida cotidiana de Cabelo Seco. Parece que a qualidade estética não parará de aumentar numa noite que transforma o próprio íntimo do bairro, o esvaziando de símbolos violentadores e o substituindo com símbolos de saberes e humanidade renovadores.



40. Os alunos de violão do Zequinha entram para tocar a música do festival, evidenciando continuidade, e o Segun finaliza com uma dança solo para reafirmar as raízes da Amazônia. O público assiste em silêncio, reconhecendo o chicote e grito calado na coreografia.



41. Concluímos com 4 músicas dos 'Insaciáveis', amigos do Everton. A 'swingeira' logo provoca até as crianças entrarem numa dança sensual do mercado. Mas ela transparece opções culturais e cria uma ponte de colaboração necessária em 2013. Quando o jambú é servido, provoca desespero! Encerramos a meia noite com dignidade. Abraçaremos este desafio em 2013!

Reflexões em antecipação a 2013



Um segundo semestre intenso, rico e inovador, que transparece novos desafios profundos, inevitáveis no processo de transformação.

Lamento muito que, assim como nosso primeiro relatório, nosso segundo semestre encerra com uma reflexão sobre mais um assassinato, em dezembro, do Everton, filho do diretor musical do projeto e mestre popular, Zequinha. Mas ao contraste com Alexandre, assassinado em junho, Everton havia começado

atravessar o limiar entre o mundo viciado no refúgio crítico-prazeroso das crueldades do atual paradigma, e o mundo comprometido com sua auto-reabilitação e auto-sustentabilidade de um paradigma emergente.

Na noite antes de sua morte, o Everton conversou comigo sobre seus planos para montar uma exposição fotográfica da comunidade, 'História Viva', para Natal. Depois foi para lavar suas roupas, mas de repente, foi chamado por pessoas fora do projeto, e voltou a sua casa com 13 balas no rosto. *A droga precisa enraizar-se nos mais inteligentes de nossos jovens para manter sua agilidade*, refletiu Zequinha, na madrugada depois da morte. *Temos que oferecer um prazer desconhecido, de auto-realização admirada.*

Aumentando nossa festa do final do ano em um festival de quatro dias de 'beleza amazônica' talvez chegasse próximo a demonstrar e saborear este *prazer social* que muitos anotaram nos dias depois. Mas sem uma convivência desta *auto-realização social* alternativa, nosso projeto, assim como Everton, continua vulnerável a convivência da grande maioria na cidade. Apesar de todos nossos resultados positivos durante 2012, o projeto Rios de Encontro pode vir a ser arrastado e desconstruído no 'tsunami de consumismo' agendado para 2013-14 (a construção de dois mega-shoppings, da hidrovía-barragem no Rio Tocantins e da Siderúrgica em Marabá), em nome da 'democratização da riqueza'.

O Festival, no entanto, é fruto de nossa terceira fase de transformação artístico-pedagógica, guiada por décadas de experimentos sustentados. Esta fase ampliou cuidadosamente nossa base de colaboração e co-produção *interinstitucional*, radiando da *cultura popular de raiz* de rua, para alcançar outros bairros, as escolas vizinhas e a economia local. A participação pró ativa destas instituições não foi à toa. Manifesta a busca desesperada, mas corajosa, visionária e lúcida, de um *bem estar*, um *bem viver sustentável*, ou, em outras palavras, um novo paradigma humano, generoso e celebrativo para garantir a vida digna, em particular para aqueles mais vulneráveis: toda criança, jovem e idoso na terra. As instituições que atualmente mais carecem e sofrem esta falta são a família e a escola.



Todos nossos colaboradores, os que concluíram um de nossos projetos e 25 jovens e crianças (sorteados) do desfile e da bicicletada, ganharam a camiseta do festival, 'vivo pela paz', como ação final de 2012.

2012 afirmou o poder transformador das linguagens de performance (dança, teatro e música), num palco democrático, inclusivo e afirmado. Mas destacou duas performances dominantes e invasivas que ainda ficam no segundo plano de nossa pedagogia: a *memória viva da fome*, e a fome psicoemocional que alimenta o atual individualismo promovido pelo celular e pelas ilhas de comunicação, em casa, na escola e na rua. Dedicaremos a entender e experimentar com cuidado para transformar estas novas ditaduras, resgatando e criando rituais, ações e projetos adequados.

Paradoxalmente, cada vez mais que as residências artísticas, projetos de ação-pesquisa juvenis e cursos de formação e transformação do imaginário (pelo Cine e pelo Festival), geraram resultados significativos, também transpareceram os desafios significativos que vão estruturar a quarta fase de nosso projeto. Não fomos contemplados para um terceiro prêmio nacional de Interações Estéticas em 2012 (Funarte, Ministério da Cultura), refletindo talvez a mudança nas políticas do governo, comprometidas com a economia criativa, para financiar esta quarta fase de nosso projeto. Isto propulsionará a busca de nossa própria economia solidária.

Então, em 2013, objetivamos essas sete prioridades:

1. Criar a base de nossa economia solidária nos públicos sensibilizados pelas matérias sobre o Projeto publicadas nas mídias em Marabá e no Pará, aproveitando das duas produções pendentes de 2012 que sairão em fevereiro 2013: o CD das Latinhas de Quintal e o Calendário;
2. Amadurecer nosso processo de formação para transformar reflexos autoritários nos jovens (a busca e a controle exclusivo de micro-privilégios), a partir dos passos já comprovados;
3. Encontrar estratégias culturais para transparecer e transformar a violência íntima na família e a alienação íntima nas escolas (seqüelas de séculos de violação e exclusão presentes nos 'reflexos culturais' das crianças e jovens) para criar continuidades de formação transcultural em casa e na escola, e intervir nos ciclos de violência e sofrimento inaceitáveis;
4. Encontrar estratégias culturais para transparecer e transformar a 'memória viva e visceral da fome' para evitar 'reflexos de pânico' compulsivos, agressivos e autodestrutivos, cotidianos;
5. Ampliar nossos 'palcos de experimentação cultural' na intimidade de uma oficina ao alcançar os palcos comunitários da rua, da esquina e da praça – espaços fortes de julgamento autoritário – para criar *limiães transculturais*;
6. Usar nosso novo Casarão de Cultura para criar um espaço experimental, protegido e seguro para pesquisar como atravessar estes limiães;
7. Sustentar a confiança pedagógica que construímos junto com nas nossas escolas parceiras vizinhas para criar palcos transculturais fora de Cabelo Seco.

Enraizando nossa economia solidária nos setores da sociedade civil fora das áreas de cultura artística e educação, e a associando com energia solar e uma moeda solidária, prioridades que o Casarão concretizará, a quarta fase poderá aprofundar e popularizar a credibilidade tanto do projeto, quanto do paradigma emergente de sustentabilidade.

Agradecemos ao CENPEC e a Fundação Itaú-Social responsáveis pelo Prêmio Itaú-Unicef 2011 e nossa rede de colaboradores locais, estaduais, nacionais e internacionais pelas suas contribuições generosas e comprometidas que nos possibilitaram sustentar tantas dimensões importantes no nosso processo comunitário, na busca de *experiências que transformam* durante 2012.



Dan Baron – Arteducador Comunitário e Gestor Cultural
Coordenador Pedagógico do Projeto
Marabá, Janeiro de 2013

